

Apresentação do dossiê

Um povo pescado do rio: História e Cultura do Povo Tikuna na Tríplice Fronteira AmazônicaBianca Luiza Freire de Castro França¹

Os povos indígenas têm ocupado um lugar cada vez mais central nos debates historiográficos, antropológicos e políticos contemporâneos, impulsionando profundas revisões sobre as formas de narrar a história, de produzir conhecimento e de compreender as múltiplas relações entre sociedade, cultura e natureza. Nesse movimento, o povo Tikuna, autodenominado Magüta, expressão que literalmente significa "povo pescado do rio", destaca-se não apenas por constituir o maior povo indígena da Amazônia brasileira, com mais de 70 mil pessoas, mas também pela vitalidade de seus sistemas de conhecimento, de suas formas de organização social e de suas estratégias históricas de resistência diante dos processos de colonização, das disputas territoriais e das transformações contemporâneas vividas na Amazônia.

Habitando tradicionalmente a região do Alto Solimões, em território compartilhado entre Brasil, Peru e Colômbia, os Tikuna construíram uma trajetória marcada pela preservação de suas cosmologias, pela continuidade de sua língua, pela força de seus rituais e pela permanente reelaboração de seus modos de vida. Seus conhecimentos sobre o território, as formas de manejo ambiental, a oralidade, os sistemas próprios de educação, os saberes de cura e as práticas rituais constituem patrimônios intelectuais fundamentais para compreender tanto a diversidade sociocultural amazônica quanto os desafios atuais relacionados à justiça socioambiental, à defesa dos territórios indígenas e à valorização das epistemologias originárias.

Nas últimas décadas, o crescimento das pesquisas dedicadas à História Indígena, à Antropologia, à Linguística e à Educação Intercultural ampliou significativamente o conhecimento sobre o povo Tikuna. Paralelamente, observa-se a emergência de uma produção científica protagonizada por pesquisadores indígenas, que passam a ocupar lugar central na construção de interpretações sobre suas próprias histórias, deslocando antigas perspectivas nas quais os povos indígenas apareciam apenas como objetos de investigação. Ao produzir conhecimento a partir de suas experiências, línguas e cosmologias, esses pesquisadores ampliam o campo das ciências humanas e propõem novas formas de compreender a realidade amazônica.

É nesse contexto que se insere o presente dossiê, "*Um povo pescado do rio: História e Cultura do Povo Tikuna na Tríplice Fronteira Amazônica*", reunindo pesquisas de autores indígenas Tikuna que abordam diferentes dimensões da experiência histórica, cultural, linguística e cosmológica do seu povo. Mais do que oferecer um panorama sobre esse povo, os trabalhos aqui reunidos evidenciam a pluralidade de temas e perspectivas que hoje caracterizam os estudos produzidos em diálogo estreito com as comunidades indígenas.

¹ Programa Institucional de Pós-doutorado em Antropologia Social do Programa de Pós-graduação em Antropologia Social do Museu Nacional/ UFRJ. Laboratório Etno Museu do Setor de Etnologia e Etnografia do Departamento de Antropologia do Museu Nacional/ UFRJ. Bolsista pós-doc NOTA 10 da FAPERJ. Doutora em História, Política e Bens Culturais (PPHPBC/FGV), Mestre em Preservação de Acervos de Ciência e Tecnologia (PPACT/MAST), Especialista em Sociologia (UCAM) e Docência Básica (IFMG/Arcos), Licenciada em História (UNIRIO). Email: bianca.castro.franca@gmail.com

O dossiê é inaugurado pelo artigo de Salomão Inácio Clemente, antropólogo Tikuna, doutorando da Universidade Federal do Amazonas e curador do Museu Magüta, que analisa as relações entre os animais, os chamados guardiões da floresta (*Guecutügü*) e a Festa da Moça Nova (*Worecü*). A partir de narrativas transmitidas pelos anciãos e de sua própria trajetória como pesquisador indígena, o autor demonstra como os rituais, as máscaras, os personagens míticos e os conhecimentos tradicionais permanecem vivos e estruturam a compreensão Tikuna sobre a natureza, a ancestralidade e a vida social contemporânea.

Na sequência, José Fernandes Mendonça, biólogo, linguista e antropólogo, propõe um diálogo entre saúde, ecologia e cosmologia ao discutir as concepções Tikuna acerca dos insetos transmissores de doenças. Distanciando-se de interpretações exclusivamente biomédicas, o autor evidencia como fenômenos relacionados aos *maruins* e *piuns* são compreendidos a partir de narrativas míticas, práticas de cuidado, conhecimentos ecológicos e saberes xamânicos, revelando a profunda articulação entre território, espiritualidade e saúde na cosmologia Tikuna.

A dimensão da educação e da transmissão intergeracional dos conhecimentos é aprofundada pelo professor, mestre e doutorando em Antropologia Social, Mário Félix Irineu, que analisa a cantoria tradicional (*Utü*) como um dos principais mecanismos de preservação da memória, da língua e dos saberes ancestrais. O artigo evidencia como a oralidade, os cantos, a Festa da Moça Nova (*Worecü*) e os espaços tradicionais de aprendizagem constituem formas próprias de educação, frequentemente tensionadas pelos processos de escolarização formal e pelas transformações socioculturais vivenciadas pelas comunidades Tikuna.

Encerrando o conjunto de trabalhos, Cleobina Torres Florentino, mestra em linguística pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, desloca o olhar para os desafios da educação escolar intercultural ao investigar os processos de transferência morfossintática da língua Tikuna para a língua portuguesa nas produções escritas de estudantes indígenas. Ao compreender essas ocorrências como manifestações naturais do bilinguismo, e não como deficiências de aprendizagem, a autora contribui para o fortalecimento de práticas pedagógicas interculturais e para o reconhecimento da diversidade linguística como elemento constitutivo da identidade Tikuna.

Em conjunto, os artigos evidenciam que compreender o povo Tikuna implica reconhecer a inseparabilidade entre língua, território, memória, ritual, educação, saúde e cosmologia. Cada uma dessas dimensões revela modos próprios de produzir conhecimento e interpretar o mundo, demonstrando que as epistemologias indígenas não constituem apenas objeto de investigação acadêmica, mas formas legítimas de reflexão teórica sobre a vida, a sociedade e a natureza.

Mais do que reunir pesquisas sobre os Tikuna, este dossiê reafirma o compromisso com uma produção científica construída em diálogo com os povos indígenas e, em muitos casos, elaborada por pesquisadores Tikuna, cuja presença vem transformando profundamente os campos da História, da Antropologia, da Linguística e da Educação. Ao reconhecer os povos indígenas como sujeitos históricos e produtores de conhecimento, esta publicação contribui para fortalecer perspectivas interculturais, ampliar o diálogo entre diferentes tradições intelectuais e consolidar uma historiografia comprometida com a pluralidade de vozes, experiências e formas de existência.

Esperamos que este conjunto de trabalhos contribua para ampliar os debates sobre o povo Tikuna e para estimular novas pesquisas que reconheçam a centralidade de suas histórias, memórias, línguas e saberes na construção de uma compreensão mais diversa, crítica e democrática da Amazônia e do Brasil.

Boa leitura!